

CRUZANDO FRONTEIRAS CURRICULARES: A EDUCAÇÃO FÍSICA SOB O ENFOQUE CULTURAL NA ÓTICA DE DOCENTES DE ESCOLAS MUNICIPAIS DE SÃO PAULO

Saulo Françaço

Resumo

O documento de “Orientações Curriculares e Proposição de Expectativas de Aprendizagem para o Ensino Fundamental – ciclo II” de Educação Física, elaborado em 2007 pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, apresenta o componente curricular dentro da concepção cultural. A partir da análise deste documento, identificamos que a concepção defendida pela proposta curricular possui forte influência dos campos teóricos do multiculturalismo crítico e dos Estudos Culturais. O currículo de Educação Física sob o enfoque cultural pretende criar espaços para que os grupos subordinados conheçam a história de sua opressão e potencializar a voz das culturas que historicamente foram silenciadas, a partir de estratégias que combatam os preconceitos de todas as ordens. Desta forma, as aulas do componente curricular organizadas nessa perspectiva, necessitam contemplar as aprendizagens necessárias para a compreensão histórico-político-social sobre toda a produção em torno das manifestações da cultura corporal. As aulas fundamentadas no enfoque cultural precisam proporcionar a vivência das práticas corporais - tanto as próximas como as afastadas do universo cultural dos estudantes - e a reflexão crítica das diversas formas de representação cultural veiculadas pelas manifestações corporais, oferecendo a oportunidade de cada aluno posicionar-se enquanto produtor de cultura corporal. (SME/DOT, 2007). De cunho qualitativo, o presente trabalho procurou investigar, por meio de entrevistas semi-estruturadas, as percepções de cinco professores de Educação Física que atuam na Rede Municipal de Ensino de São Paulo, acerca das dificuldades e possibilidades no desenvolvimento de aulas fundamentadas na perspectiva cultural. Ao confrontar os dados obtidos nas entrevistas com a teorização curricular multicultural, foi possível compreender o currículo como um campo de produção cultural permeado de relações de poder, onde no cotidiano escolar, os docentes travam uma constante luta para romper fronteiras na viabilização do currículo oficial; já que hegemonicamente, a educação formal ainda é impregnada por práticas homogeneizantes, reprodutoras e monoculturais. As principais dificuldades apontadas pelos docentes referem-se à resistência dos estudantes, de outros professores e de profissionais que ocupam cargos de gestão quanto ao currículo cultural da Educação Física. Essa resistência é ocasionada por diferentes fatores, como por exemplo: a ausência de um projeto político-pedagógico voltado às questões multiculturais, a política de formação deficitária da SME/SP, a representação enviesada que os estudantes possuem acerca da área de conhecimento e a estrutura rígida da instituição escolar. Esses fatores proporcionam um isolamento dos docentes, demarcando uma região fronteira que necessita ser cruzada. Entretanto, nesse jogo de forças, a pesquisa identificou inúmeras potencialidades pedagógicas do currículo cultural da Educação Física, que podem estimular produções de docentes e pesquisadores radicais, envolvidos na batalha por uma educação mais justa, democrática e solidária. Entre elas, podemos destacar a valorização dos alunos em relação à

Educação Física e sua importância no currículo escolar, a legitimação das múltiplas identidades que colorem a paisagem das salas de aula, a busca de alianças junto aos profissionais de outras áreas, a abertura de espaços para as famílias e comunidade em geral, a desconstrução de relações opressoras de qualquer natureza e a possibilidade dos estudantes reconhecerem-se como produtores de conhecimento.

Palavras-chave: Currículo. Educação Física. Perspectiva cultural.

Introdução

O documento de “Orientações Curriculares e Proposição de Expectativas de Aprendizagem para o Ensino Fundamental”, que norteia o trabalho dos docentes da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, apresenta a área de Educação Física sob o enfoque cultural, com o texto apresentando clara influência dos campos teóricos do multiculturalismo crítico e dos Estudos Culturais.

O currículo de Educação Física sob o enfoque cultural pretende criar espaços para que os grupos subordinados conheçam a história de sua opressão e potencializar a voz das culturas que historicamente foram silenciadas, a partir de estratégias que combatam os preconceitos de todas as ordens. Nessa perspectiva, as aulas do componente curricular necessitam contemplar as aprendizagens necessárias para a compreensão histórico-político-social sobre toda a produção em torno das manifestações da cultura corporal (SME/SP, 2007).

Quais as fronteiras a serem cruzadas e as potencialidades pedagógicas do currículo de Educação Física sob o enfoque cultural nas escolas municipais de São Paulo, sob a ótica dos/as professores/as que trabalham pautados/as nesse referencial teórico?

Diante desse problema, nosso objetivo é investigar as percepções dos professores de Educação Física da Rede Municipal de São Paulo, acerca das dificuldades e possibilidades no desenvolvimento de aulas fundamentadas na perspectiva multicultural crítica e nos Estudos Culturais.

Metodologia adotada

Para entretecer interpretações acerca do problema de pesquisa, utilizamos a investigação qualitativa, onde os seguintes procedimentos metodológicos foram

adotados: pesquisa bibliográfica, análise de documentos e trabalho de campo com entrevistas semi-estruturadas.

A pesquisa bibliográfica possibilitou uma maior compreensão da temática a ser estudada, servindo de alicerce para a formulação de nossa teorização. A análise da proposta curricular da SME/SP foi utilizada como técnica exploratória para subsidiar as questões propostas nas entrevistas, e como referencial teórico para a interpretação dos discursos dos professores.

Realizamos entrevistas semi-estruturadas com os elaboradores da proposta, a fim conhecer melhor o contexto em que ela foi produzida e investigar suas percepções quanto ao processo de implementação nas escolas. Tais profissionais ajudaram na escolha dos professores que pudessem participar da pesquisa, e que se encaixavam no perfil desejado.

Para ouvir as representações e as experiências dos educadores, organizamos uma entrevista semi-estruturada com cada um deles. As questões básicas propostas aos professores levaram em conta nosso referencial teórico utilizado na pesquisa e o documento de “Orientações Curriculares” investigado.

Para interpretação dos dados obtidos nas entrevistas com os docentes, definimos *a priori* duas categorias de codificação: **fronteiras** e **potencialidades pedagógicas**. A abordagem dos dados qualitativos foi orientada por questões do tipo: “O que isso tudo quer dizer? Quais suas mensagens?” (ANDRÉ, 1983). A partir dessa análise, novos temas emergiram dentro de cada categoria de codificação.

Organizamos os trechos das entrevistas nas categorias estabelecidas *a priori* e confrontamos os temas com as produções teóricas do multiculturalismo crítico e dos Estudos Culturais. Trechos das entrevistas com os elaboradores da proposta e fragmentos do documento de “Orientações Curriculares” foram utilizados para auxiliar na nossa interpretação. Elaboramos então, uma síntese interpretativa através de uma redação que pudesse dialogar temas com objetivos, questões e pressupostos da pesquisa.

Resultados e conclusões provisórias

A presente pesquisa mostrou que o currículo precisa ser compreendido como um espaço-tempo de fronteira (MACEDO, 2006). A autora parte do princípio que a formação dos currículos formais e a vivência do currículo são processos cotidianos de produção cultural, que envolvem relações de poder tanto em nível macro quanto micro.

Em ambos são negociadas diferenças. De ambos participam sujeitos culturais com seus múltiplos pertencimentos.

As escolas são locais sociais contraditórios, que contemplam tanto práticas de reprodução, como também práticas de produção de novas relações, competências e saberes (LEITE, 2002). A partir da análise da proposta da SME/SP e da interpretação das entrevistas com os docentes, encontramos tanto posturas e práticas que reforçam a função reprodutora da escola, como também ações e estratégias alternativas de resistência a essas formas de reprodução.

É instigante detectar numa política educacional governamental, a produção de um currículo oficial contra-hegemônico, como a proposta de Educação Física investigada. Isso nos faz pensar que nas relações de poder que envolvem a produção curricular, existem espaços de resistência.

Os professores de Educação Física que trabalham nas escolas municipais de São Paulo são convidados pelo documento oficial, a desenvolverem práticas pedagógicas interessadas na desconstrução de qualquer forma de discriminação, por meio de ações que valorizem o direito à diferença e o respeito ao Outro, numa lógica que problematize os fatores responsáveis pelas injustiças de qualquer ordem.

Se a proposta oficial potencializa a prática dos professores intelectuais transformadores (GIROUX, 1992), bastava direcionar nossos esforços na compreensão de como isso se concretiza no currículo vivido. Foi então, que nossa investigação identificou, nessa zona de ambivalência, no espaço-tempo de fronteira que caracteriza o currículo, restrições e possibilidades de ações que ora dificultam o trabalho dos docentes, e ora indicam potencialidades e avanços importantes para a consolidação dos objetivos que norteiam tal projeto educacional.

Alguns obstáculos poderiam ser superados com maior facilidade, se a política educativa da SME/SP articulasse estratégias que respaldassem o trabalho dos docentes. Porém, muitas dessas barreiras precisam ser rompidas nas próprias relações sociais que ocorrem no interior das escolas. Os sucessos obtidos pelos professores, ao serem interpretados à luz da teorização curricular, podem oferecer elementos para que eles e outros profissionais re-organizem suas estratégias de resistência no cotidiano das aulas.

Em relação às dificuldades enfrentadas pelos docentes, a pesquisa apontou para uma resistência em relação às aulas de Educação Física pautadas na concepção cultural. Como essa concepção desmantela a cultura hegemônica procurando desmascarar tudo aquilo que foi sempre considerado como inquestionável no contexto escolar, é de se

esperar que os sujeitos adaptados à ideologia dominante, ao se deparar com o novo, estranhem num primeiro instante, e rejeitem posteriormente. Existe um choque entre a tradição monocultural e homogeneizante da escola, e as práticas dos docentes comprometidas com a afirmação das diferenças.

A fronteira da resistência precisa ser enfrentada e rompida no que diz respeito aos estudantes acostumados com outro modelo de Educação Física; aos próprios professores que pretendem trabalhar com a proposta, mas que são frutos de experiências anteriores pautadas em outras concepções; em relação aos profissionais que ocupam cargos de gestão; e professores tanto de outros componentes curriculares como da própria área de Educação Física.

Os professores que trabalham na perspectiva cultural estão enfrentado praticamente sozinhos, uma verdadeira batalha nas escolas, o que enfraquece o poder de mudança de representações. Entendemos que a adoção de estratégias de mudança, não pode ficar restrita nas mãos dos professores. Sendo eles atores da mudança, necessitam de outros parceiros que os ajudem na construção de novas mentalidades, atitudes e práticas e de melhores condições nos seus lugares de trabalho.

Nisso, a SME/SP possui uma responsabilidade primordial. Porém, como identificado em nossa investigação, sua política de formação de professores tem se mostrado deficitária, já que falta um trabalho direcionado às pessoas que ocupam cargos de gestão, para que minimamente apropriem-se do documento oficial. Ao mesmo tempo, existe um apoio por parte da Secretaria, a cursos de formação de caráter técnico e o incentivo à formação de turmas de treinamento esportivo, que são incoerentes com a concepção defendida pela proposta curricular oficial.

Em relação às potencialidades pedagógicas do currículo cultural da Educação Física, a investigação mostrou que existem diversos motivos para o otimismo. Se por um lado, identificamos uma postura inicial de resistência dos estudantes ao currículo cultural, é bom também enaltecer a mudança de representação dos alunos no decorrer do processo e a conseqüente valorização da área de conhecimento.

Passada a fase de estranhamento e resistência, os estudantes reconheceram a área de Educação Física, como um componente dotado de objetivos educacionais e de um corpo de conhecimentos digno de ser estudado. Ao abrir espaços para que as manifestações da cultura corporal provenientes dos grupos marginalizados fizessem parte do cotidiano das aulas, os professores colaboraram para que esses grupos tivessem suas experiências reconhecidas pelo currículo escolar.

Nossa pesquisa também identificou um grande potencial das aulas de Educação Física pautadas na perspectiva cultural, na desconstrução de relações opressoras de classe, gênero e etnia. É evidente, que para termos mais clareza quanto a esse potencial, estudos de natureza etnográfica poderiam ser mais viáveis. Foram situações pontuais destacadas pelos professores que nos permitiram fazer tal inferência.

Apesar de anteriormente termos mencionado que identificamos uma sensação de isolamento nas entrevistas com os docentes, onde os mesmos encontram sérias dificuldades nas relações sociais no interior das escolas, é preciso ressaltar que não evidenciamos uma sensação de impotência, já que existe um esforço por eles despendido, para buscar alianças. Alguns docentes, até citaram que estão conseguindo realizar alguns trabalhos interdisciplinares. A tarefa de formular uma pedagogia da possibilidade não pode ser feita de forma isolada (SIMON, 1995). Faz parte do ofício dos educadores radicais, a formulação de estratégias para conseguir parceiros que possam lutar juntos pelos seus sonhos revolucionários.

Se ao longo da pesquisa, evidenciamos diversas potencialidades pedagógicas do currículo de Educação Física sob o enfoque cultural, entendemos também que o multiculturalismo exige uma mudança no sistema escolar em seu conjunto (SACRISTÁN, 2001). As dificuldades apresentadas pelos docentes, nos fazem pensar que nas escolas em que lecionam, inexistem um projeto político pedagógico engajado nas questões multiculturais. Por outro lado, os êxitos e conquistas relatadas pelos professores, mostram que não temos que esperar por reformas institucionais ou estatais para colocar em ação nossos esforços locais (SIMON, 1995). Quanto mais global for o problema, mais locais e mais multiplamente locais devem ser as soluções (SOUSA SANTOS, 2010).

No caso da política educacional oficial da Prefeitura de São Paulo, identificamos que existe materializada, uma proposta curricular de Educação Física que interpreta a cultura de maneira contrastante, que desafia ideologias hegemônicas e dá voz coletiva às lutas de grupos subordinados (GIROUX, 1999). Consideramos ser esse, um passo importante para que os educadores radicais, ao estarem amparados pela política oficial, construam práticas pedagógicas que legitimem as experiências culturais dos diferentes grupos sociais inseridos no âmbito escolar. Ainda que para isso, tenham que transpor fronteiras.

É preciso superar os discursos que defendem por um lado, a escola como um território neutro e por outro, a escola como vítima indefesa do papel reprodutor e

alienante designado a ela. A escola é também, um terreno repleto de possibilidades, onde o currículo é um arquipélago cercado de relações de poder por todos os lados, existindo uma disputa de forças entre práticas que caminham na direção da adaptação desse modelo de sociedade em que vivemos e práticas que trilham por caminhos opostos, contestando os discursos e estruturas responsáveis pelas injustiças de qualquer ordem. Nesse terreno emaranhado de poder que é o currículo, acreditaremos sempre que existem espaços para resistência.

Referências bibliográficas

ANDRÉ, M. E. D. A. Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 45, p. 66-70, mai. 1983.

GIROUX H. **Escola crítica e política cultural**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional**: novas políticas em educação. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEITE, C. M. F. **O currículo e o multiculturalismo no sistema educativo português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

MACEDO, E. F. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, mai.-ago. 2006.

SACRISTÁN, J. G. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. B. (Orgs.). **Territórios Contestados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SIMON, R. I. A pedagogia como uma tecnologia cultural. In: SILVA, T. T. (Org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SME/DOT. **Orientações Curriculares e Proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental**: Ciclo II – Educação Física. São Paulo: SME/DOT, 2007.

SOUSA SANTOS, B. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010.